

Turismo, estratégia para o desenvolvimento social em comunidade carente

Fátima Priscila Morela Edra (UFRJ) priscilamorela@ig.com.br
Sérgio Augusto Guidugli (Happy Rio) guidugli.sa@ig.com.br

Resumo

Este documento apresenta o modelo de parceria entre a iniciativa privada e a comunidade para a viabilização e operacionalização de um projeto estratégico de turismo visando o desenvolvimento econômico e social da comunidade carente residente no bairro da Rocinha, maior favela vertical da América Latina, localizada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Palavras-chave: Parceria; Turismo; Desenvolvimento.

1. Turismo

Apesar da atividade turística acontecer desde os primórdios, de acordo com a evolução do homem, os estudos sobre a atividade também foram progredindo, principalmente após a II Guerra Mundial (EDRA, 2005b).

No caso dos países da América Latina, o investimento na atividade turística em seus territórios foi bastante motivado pela possibilidade de desenvolvimento proporcionada pelos possíveis efeitos econômicos que em longo prazo proporcionaria a redução do estado de dependência destes em relação aos países dominantes (MOLINA, 2001).

A falta de políticas e planos voltados para a operacionalização da atividade turística gerou um efeito inverso. Os países em desenvolvimento não só não conseguiram atrair o número de demanda internacional que suas capacidades suportariam como também não conseguiram desenvolver os fluxos internos. A nova classe econômica que surgia, classe média, passou a utilizar seus recursos disponíveis para o lazer e o turismo em viagens ao exterior, gerando assim um déficit nas balanças comerciais desses países (MOLINA, 2001).

No caso do Brasil, Edra (2005b) diz que o desenvolvimento da atividade turística pode ser dividido em três períodos: até 1995, entre 1995 e 2002 e a partir de 2003. No primeiro caso, até 1995, o Turismo no Brasil simplesmente aconteceu em função, principalmente, de seus recursos naturais, que por si só tornavam-se atrativos. Entretanto, a inexistência de políticas continuadas somadas à desqualificação provocou a degradação de ambientes e a insatisfação da demanda, fato que resultou no declínio de fluxos, internacional e nacional, e na subutilização da diversidade natural e cultural do País como atrativos turísticos. É no segundo período citado pela autora, entre 1995 e 2002, que se propõe corrigir estas falhas. Através do Plano Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), cinco ações foram desenvolvidas: descentralização, parcerias, mobilização, capacitação e sustentabilidade (aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades).

- Descentralização: transferências das decisões políticas para os governos locais sem a perda da realidade global, com incentivo aos diversos segmentos organizados a exercerem responsabilidade;
- Parcerias: estímulo ao estabelecimento de parcerias entre os setores organizados da comunidade local e instituições que pudessem contribuir para o desenvolvimento do turismo quanto às condições físicas de acessibilidade, comunicação, meios de hospedagem, alimentação, infra-estrutura etc.;
- Mobilização: promoção de ações visando o envolvimento das comunidades na busca de alternativas e objetivos comuns;
- Capacitação: condução de oficinas com enfoque participativo visando a capacitação e formação de agentes multiplicadores (profissionais, especialistas e cidadãos comuns);
- Sustentabilidade: difusão da idéia de que o turismo deveria promover o desenvolvimento sustentável das localidades onde fosse implantado, atendendo equilibradamente às demandas econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas.

O terceiro estágio, que se iniciou em 2003, segundo Edra (2005b), trata-se de uma readequação das ações realizadas entre os anos de 1995 e 2002. Pois o desenvolvimento individual dos municípios muitas vezes não possuía um número de atrativos suficientes que motivassem o deslocamento da demanda. Assim, procura-se o desenvolvimento das regiões e localidades através da operacionalização de roteiros com o maior número de atrativos agregados criados a partir da vasta diversidade cultural brasileira.

Segundo dados da Organização Mundial de Turismo – OMT (2001), a cada 11 empregos gerados, 9 estão relacionados ao turismo. Nesta primeira década do século, o turismo representa a segunda atividade que mais gera lucro, perdendo apenas para o petróleo e seus derivados.

De acordo com Beni (2001), as motivações que geram os deslocamentos da demanda classificam-se em 36 tipos de turismo, ou segmentação turística: climático ou hidrotermal; paisagístico; cultural; religioso; desportivo; folclórico ou artesanal; científico; congressual; empresarial ou de negócios; de eventos fixos, sazonais, de oportunidade e monotemáticos; sócio-familiar; da melhor idade; de megaeventos; de aventura; étnico-histórico-cultural; de incentivos; urbano; temático; educacional; de saúde; esotérico ou esoturismo; de recreação e entretenimento; ecológico; ecoturismo; rural; agroturismo; especializado para novos segmentos de consumo; habitacional; de habitação; hedonista; alternativo; virtual; de jogo ou cassinismo; de excentricidades; cívico institucional e sexual.

Para Fayol (*in* OMT 2001), as perspectivas do turismo para este século, o que ele chama de “nova era”, é um, crescimento do turismo de negócios, ecológico e de aventura. Assim, os países em desenvolvimento são os que apresentam maior potencial para a atividade turística nos próximos anos. Por isso a necessidade da realização de ações e planos turísticos que beneficiem a comunidade receptora nos aspectos sociais, culturais, ambientais e econômicos que a atividade turística pode proporcionar.

2. Rocinha

A primeira pergunta que podemos fazer é por que a Rocinha?

A Rocinha está localizada no morro Dois Irmãos, entre os bairros de alto nível de renda, São Conrado e Gávea, na Zona Sul da cidade que é o portão de entrada do País, Rio de Janeiro (PANDOLFIFI, D. & GRYNSZPAN, M., 2003).

Apesar de ser conhecida como a maior favela vertical da América Latina, em 1996, a Rocinha deixou de ser considerada oficialmente como favela e passou à posição de bairro. Ação justificada pela necessidade de se arrecadar mais impostos com fins de melhorar a oferta de serviços como luz, água, postos de saúde, escola pública, polícia etc. para os habitantes que, aliás, há uma controvérsia em relação ao número. De acordo com o Censo 2000, ela possui 56.313 habitantes, mas em seu *site* (www.rocinha.com.br/portugues.pessoas.infex.htm), aparece com uma população de 200 mil habitantes.

De acordo com Edra & Guidugli (2005), o crescimento da comunidade gerou um comércio para atender as necessidades dos habitantes. Dados da Isto é (maio de 1998), duas mil empresas atuavam na Rocinha, empregando cerca de 12 mil pessoas. Quatro anos depois, em 2002, o número de estabelecimentos comerciais já estavam em torno de 2500 (http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021125_rocinharg.shtml), entre os quais: agências bancárias, academias de ginástica, rádios comunitárias, rede de TV a cabo, escola de samba, casas de show, escolas, agência dos correios, pizzarias, restaurantes, farmácias, jornais, supermercados, teatro, laboratórios fotográficos, linhas de ônibus, pontos de táxi etc.

O principal problema da Rocinha, segundo Ludemir (*in* EDRA & GUIDUGLI, 2005), é o sistema de transportes. Há um intenso tráfego de veículos que circulam em suas ruas: ônibus, táxis, moto-táxis, bicicletas etc. formando verdadeiros engarrafamentos durante todo o dia. Além da enorme quantidade de veículos ainda há dificuldade para os ônibus em determinadas curvas devido ao grande número de veículos estacionados à beira das calçadas.

Outro dado importante diz respeito à violência, exercida pelas lutas entre polícia e tráfico de droga existente na comunidade, não diferente de outras favelas brasileiras.

A Rocinha é possuidora de uma pluralidade, fato que provoca sensações de sedução, proximidade e abismo entre a localidade e a cidade em que si situa e que por isso mesmo a transformou em um atrativo turístico.

Foi durante o ECO-92 (Encontro Mundial sobre Ecologia) que o turismo na favela iniciou-se. A princípio como turismo alternativo para estrangeiros e que logo foi segmentado como Turismo Aventura por empresas operadoras que passaram a explorar o roteiro em que turistas caminham através de seus becos e ruelas. A ineficiência desta operação é a inexistência da integração entre a comunidade e as empresas operadoras, conforme pode ser visto na reprodução da matéria publicada na Revista Época, em Agosto de 2003.

Para o operador os turistas visitavam a favela para checar se ela realmente é como aparece nos jornais: *“Eles chegam achando que lá só tem violência e após a visita saem com uma imagem completamente diferente”*. Um morador da Rocinha há 7 anos acredita que o motivo é a paisagem: *“De onde mais você vai ter essa vista da cidade?”*. Um outro morador residente na localidade há 18 anos acha que os turistas vão lá para entender a estrutura das construções feitas no morro.

Aspesar de amplamente divulgada no País e no mundo, não só pelo estigma de favela, mas também como roteiro turístico, havia a necessidade de realizar um trabalho planejado envolvendo poder público, iniciativa privada e comunidade. O poder público como responsável pelas medidas que visassem a melhoria da infra-estrutura e o fomento da região

(*marketing*, por exemplo). O poder privado como responsável pelos investimentos, e a comunidade, principalmente, pela “produção” de traços culturais e como mão-de-obra para atendimento ao turista. O objetivo final desta parceria é promover a redução das desigualdades sociais.

Lamentavelmente não se conseguiu os três atores no processo, mas com o mesmo objetivo, uma parceria entre comunidade e iniciativa privada, vem tornando isto possível.

3. Projeto

Objetivos:

- Apresentar a formação da comunidade da Rocinha a partir da fusão dos diferentes traços culturais da sociedade brasileira;
- Resgatar e/ou revitalizar traços culturais, extremamente importantes para a atividade turística;
- Esclarecer a comunidade sobre o sistema turístico (conceitos, efeitos econômicos, sociais e auto-sustentáveis);
- Destacar atrativos, equipamentos e infra-estrutura que favorecem o desenvolvimento da atividade no espaço;
- Valorizar o conceito de sinergia, melhorando as condições de qualidade de vida junto à comunidade;
- Ajudar a comunidade a encontrar e desenvolver oportunidade(s) de participar deste setor tão dinâmico e promissor (turismo);
- Desenvolver plano(s) e/ou projetos que intensifiquem o fluxo turístico;
- Gerar empregos e divisas para a comunidade;
- Promover o desenvolvimento sócio-cultural;
- Agregar novas idéias e parcerias.

Este trabalho justifica-se pelo fato de a Rocinha ser a localidade que mais recebe êxodo interno do País. São pessoas provenientes da região do Nordeste brasileiro em busca de melhores condições de vida. Ao percorrer a comunidade podemos nos deparar com as diferentes formas de expressões artísticas dos moradores, como: pintura, dança, música, artesanato, gastronomia etc. Sem falar do próprio estilo de vida, só observado a partir do contato direto com a sociedade em questão.

Roteiro:

- Haverá a disponibilidade de um veículo (micro-ônibus) que deverá estabelecer estações de embarque e desembarque em hotéis de maior relevância localizados na orla da Zona Sul da cidade e proximidades da comunidade;
- O micro-ônibus tem capacidade para 22 passageiros e estará todo caracterizado com imagens da Rocinha. No interior haverá o acompanhamento de um guia de turismo credenciado pela Embratur;
- O veículo circulará em dois horários: manhã e tarde, cabendo ao turista escolher o horário que melhor lhe satisfizer. O percurso total entre a saída da primeira estação até o ponto terminal terá uma distância de 20 Km, percorridos em 45 minutos;

- O ponto terminal deverá ser estabelecido na entrada da comunidade para que os turistas possam iniciar o roteiro pela comunidade, devendo ser parte a pé. O percurso da manhã inicia-se às 9h 30min com retorno ao ônibus às 12h30min e o percurso da tarde inicia-se às 14h30min e retorno ao ônibus às 17h30min, diariamente;
- Durante todo o trajeto o guia de turismo estará acompanhando o grupo. E, ao final do percurso, os participantes receberão o certificado de cidadão honorário da comunidade da Rocinha emitido pela Associação dos Moradores – União Pró Melhoramento dos Moradores da Rocinha – UPMMR.

Em relação à captação de recursos para a comunidade, duas serão as formas:

- Venda para empresas de espaços em camisetas, *folders*, lataria do ônibus e *link* a partir do *site* que estará divulgando o projeto;
- Adoção indireta de famílias e crianças: ao final do passeio o turista receberá informações para que possa realizar doações mensais para a comunidade. Esta doação terá o valor de uma cesta básica e famílias serão cadastradas para receberem este auxílio. O doador terá acesso às informações sobre a família que ele estará “adotando”, através do envio de fotos e cartas. Aqueles que desejarem adotar crianças pagando estudos também terão informações mensais sobre o andamento da criança: histórico escolar etc.

4. Modelo de Parceria

Membros idealizadores do projeto: Associação de Moradores União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha (UPMMR), instituição sem fins lucrativos, e a empresa Happy Rio Brasil Consultoria de Turismo e Lazer Ltda.

Através da parceria a empresa realizará uma consultoria técnica que consta da elaboração, implantação e acompanhamento na comunidade da Rocinha do roteiro turístico, denominado Rocinha Tour, bem como, a ministração de cursos de aperfeiçoamento profissional na área de turismo para a comunidade envolvida no processo.

A empresa também especifica as atividades que deverão ser desenvolvidas, sugere roteiros e apresenta para o *trade* turístico orientando-o para captação da demanda.

Ao início de cada trimestre, empresa e Associação realizam uma previsão de receitas e gastos para o período, apresentam sugestões, fixam limites de despesa, gastos e investimentos. Ambas as partes ficam sujeitas à pena de multa contratual e/ou até mesmo rescisão de contrato caso assumam despesas e/ou gastos sem a devida previsão orçamentária.

Os pagamentos referentes aos recursos (mão-de-obra e infra-estrutura) necessários para a operacionalização do projeto também é definido em comum acordo entre empresa e Associação.

No caso de captação de patrocinadores e apoiadores, os recursos são depositados em conta corrente. Parte é utilizada para aquisição de máquinas e equipamentos, na revitalizaçã, na manutenção e em despesas operacionais do projeto e parte é repassada para ser empregado nas finalidades especificadas no Estatuto Social da Associação.

5. Considerações Finais

Em menos de dois anos o Rio de Janeiro estará sendo a sede dos Jogos Panamericanos 2007 (Pan 2007), o número de turistas na cidade vai crescer e, conseqüentemente, o número de visitantes na Rocinha. Além disso, muitos empregos serão gerados nas imediações, esse é o

tempo de trabalhar, de conscientizar e capacitar essa sociedade em busca de melhores condições de vida.

No Turismo, todos devem mostrar sua identidade e seu valor, fazer turismo é conhecer e apresentar traços culturais. É imprescindível a integração dos excluídos através do turismo. Para isso, tornam-se necessárias soluções realistas para erradicar de forma planejadas a exclusão social presente na Rocinha, e não movimentos de amor fictício. São necessárias medidas que integrem a economia local ao roteiro turístico para que a Rocinha deixe de ser uma favela, uma cidade turística perdida e se torne a comunidade “rocinhense”, muito viva, com muita cultura e arte, alegria, força, cores, formas e criatividade.

Referências

BENI, M. (2001) – *Análise estrutural do turismo*. 6 ed. São Paulo, SENAC São Paulo.

EDRA, F. P. M. (2005b) - *A Relação entre Turismo e Transporte Aéreo no Brasil*. UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

EDRA, F. P. M. & GUIDUGLI, S. A. (2005) – “Rocinha, uma favela, uma cidade turística perdida”. *8º Cidade Revelada*. Santa Catarina, Brasil.

FERRANNI, A. (2003) – “Tem gringo no morro!”. *Época*. (Ago).

MOLINA, S. & RODRIGUEZ, S. (2001) - *Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina*. Bauru, SP: EDUSC.

OMT (2001) - *Introdução ao Turismo*. São Paulo: Roca.

PANDOLFI, D. & GRZYNSZPAN, M. (2003) – *A favela fala*. Rio de Janeiro, Editora FGV.